

Caio Fábio D'Araújo Filho

O Privilégio de Poder
Simplesmente Dizer:
TÁ DOENDO

© Caio Fábio D'Araújo Filho

Capa:
Carlos Franco
Revisão:
Sandra Regis
Editoração eletrônica:
Josnei e Vera Formagio

7ª impressão, 1998

Devidamente autorizado e com todos os direitos de
publicação e distribuição dos títulos com a marca
VINDE reservados à MZ Produções Culturais Ltda.

SCRN 716 Bl. F Loja 36
Brasília, DF – CEP 70770-556
Fone./Fax: (061) 349-6032

Filiada à ABEC

ISBN 85-86467-25-1

Impresso na Colômbia
Printed in Colômbia

Dedicatória

A todos aqueles que
entendem que ter fé,
quando não há milagres,
é um milagre maior do
que ter fé para
operar milagres.

O Privilégio de Poder Simplesmente Dizer: Tá Doendo

Um Vôo Perdido

Na quinta-feira 29 de julho, eu deveria ter embarcado no vôo das 22 horas, rumo aos Estados Unidos, a fim de pregar na sexta-feira e no sábado à noite, bem como na manhã de domingo, no encerramento do congresso da Youth For Christ International (MPC Internacional). No entanto, na terça-feira 27, à noite, comecei a ter fortes dores no estômago, na cabeça e em todo corpo, além de vômitos, diarreia e sintomas de gastrite. Não dormi aquela noite.

A quarta-feira foi marcada pelo agravamento daqueles sintomas. De quarta para quinta-feira, a crise se acentuou tanto que minha mulher teve que me levar ao hospital, onde passei o resto da noite recebendo soro com medicamento apropriado. No momento de retornar a minha casa, a médica resolveu que eu não deveria viajar, sob pena de que a crise pudesse se agravar ou se repetir durante as 17 horas da viagem.

Para mim, foi muito desagradável aceitar a recomendação médica. Afinal, havia muita gente contando com minha ida àquele evento. Além disso, eu mesmo entendia tratar-se de um congresso extremamente estratégico, em termos de evangelização mundial. No entanto, eu não podia tomar a decisão de ir, correndo o risco de ver a situação agravar-se e deixando, com isso, minha família sobressaltada. Decidi acatar a

instrução médica e não fui. Continuei a tomar a medicação e, dois dias depois, já estava me sentindo bem melhor. Mas já era tarde para ir.

Hoje, domingo, 1º de agosto, quatro dias após o ocorrido, quando estou escrevendo este livreto, o sentimento que me vem ao coração é de profunda alegria. Alegria por poder dizer que não me senti bem fisicamente, sem ter, contudo, que me justificar por isto. Alegria por não ter a obrigação de achar que toda enfermidade seja *obra direta* do diabo. Alegria por poder aceitar uma orientação médica como conselho divino. Alegria por poder dizer a você que não sou super-homem. Alegria por poder compartilhar com você a verdade da minha fraqueza. Alegria por poder me regozijar na Graça de Deus (II Co. 12:7-10).

A Angústia de Uma Oração Não Respondida

Essa experiência que acabei de narrar é totalmente diferente de uma outra que vivi há quase 19 anos. Naquele tempo, eu morava em Manaus e tinha apenas um ano e meio de fé consciente em Jesus. Desde que eu me convertera para valer, não fazia outra coisa a não ser pregar o evangelho todos os dias, expulsar demônios também diariamente (às vezes três situações de exorcismo no dia), orar pelos doentes (vendo muitos serem milagrosamente curados) e ler livros sobre fé. Foi naquele período que comecei a ler alguns dos livros e teologias que hoje estão muito em voga no Brasil. Eram livros que garantiam a cura de Deus, sempre que você ora com fé, ensinando também que, quando você ora e não vê a cura chegar, você tem que decretar a cura e ignorar os sintomas da doença. Pois bem, assim crendo e assim vivendo, adoeci de uma hepatite aguda contraída à beira do Rio Negro, pintando um barco da igreja. Quando a doença chegou, pensei:

—*Essa não vai ficar. Deus sabe que meu coração não duvida do Seu poder. Portanto, vou pedir a meu pai para me ungir com óleo e vamos mandar essa enfermidade sair em nome de Jesus.*

Assim foi feito. Oramos com fé e autoridade. A enfermidade, no entanto, parecia não se retirar. Decidi, então, que somente os sintomas da enfermidade haviam permanecido e declarei:

—*Mesmo que eu ainda tenha os sintomas, pela fé, vou viver como se já estivesse curado.*

Assim fiz. Comi gordura; fiz esforço físico; fui à luta. Quase morri. A hepatite não apenas se agravou, como ainda se complicou de tal maneira que eu tive que ficar cinco meses na cama, tomando soro todos os dias e curtindo agonias espirituais quase insuportáveis. Mil perguntas invadiam minha mente de dia e de noite.

O que teria acontecido? O que de errado fora feito? Será que eu não tivera fé? Que Deus insensível era aquele que me via entrar de cabeça na experiência e quebrar a cara?

Foi horrível. Minha alma gemia angustiada e perplexa em noites e noites insones. E o pior era quando chegavam os amigos de Jó, todos cheios de fórmulas. Todos com uma receita de milagre. Todos com uma explicação.

Felizmente, foi então que aprendi que pior do que não ficar curado de uma doença, é *ter* que ficar curado dela. É um inferno na alma.

E por que estou lhe dizendo isto? A razão é simples. Eu não agüento mais ver líderes evangélicos tentando vender ao povo de Deus a imagem de que quem anda com Jesus não adoece, não passa por tribulações, não se cansa, não conhece limitações, não aceita sua própria condição humana. Meu desconforto com essa doutrina se fundamenta nos seguintes aspectos básicos que passarei a descrever.

A Bíblia Passou Longe

Inicialmente, não me agrado dessa doutrina, porque ela não é bíblica. A tentativa de fazer da Cruz o ponto de anulação de toda dor e enfermidade é falso. Não tem apoio no texto bíblico, nem nas doutrinas apostólicas, nem na experiência humana narrada na Bíblia.

A Palavra de Deus nos dá conta de que o patriarca Jacó morreu de uma enfermidade, mas com a mente cheia de bênçãos (Gn. 48:1-33). Eliseu, em quem o poder de Deus alcançou níveis de manifestações só comparáveis aos que foram manifestos na vida de Jesus, morreu, entretanto, de uma enfermidade física (II Reis 13:14). Paulo diz aos gálatas que sua estada entre eles deveu-se a uma enfermidade física (Gl. 4:13), e fala de Timóteo, referindo-se a ele como alguém suscetível a freqüentes enfermidades (I Tim. 5:23). Acerca de Epafrodito, companheiro de Paulo, diz-se que andou todo o processo gradual de

aproximação da morte e saiu de lá lentamente, após um tempo natural de recuperação (Fp. 2:25-28).

Alguns certamente perguntarão: Como pode ser isto se Isaías 53 diz que Jesus *levou* na Cruz nossas dores, enfermidades, transgressões e iniquidades?!

Ora, eu devo entender esse “*levar*” de duas maneiras: como um levar *expiatório*, ou seja, ele levou o que eu mereço sofrer e se ofereceu a Deus como oferta moral e espiritual substitutiva por mim. Isto tem a ver com a justificação que traz perdão de pecados, e com a salvação. A outra maneira de ver este “*levar*” é na perspectiva da *experiência da nossa condição humana*, isto é, “*como um que sabe o que é padecer*” (Is. 53:3). É por isso que o livro de Hebreus diz que Ele é um *Sumo sacerdote que pode se compadecer de nossas fraquezas, porque foi tentado em todas as coisas a nossa semelhança* e passou por todos os sentimentos que você e eu experimentamos (Heb. 4:15). A prova disto é que no texto de Isaías 53 os **resultados** desse levar de dores, enfermidades, transgressões e iniquidades são vistos apenas nas duas perspectivas expostas acima, quais sejam, “*ele justificará (Salvador) a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si*” (Is. 53:11); e “*derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores, contudo levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu*” (Sumo sacerdote; Is. 53:12).

Vemos, portanto, que Isaías nos diz que as duas bênçãos decorrentes da Cruz são a justificação do pecador e a ação intercessória do Salvador a nosso favor. Tenho motivos para lhe dizer que, mesmo crendo em Jesus, sendo salvo por Ele, e sendo objeto da Sua intercessão sumo sacerdotal, continuo vulnerável à dor (você tem dúvida disso?), passível de doenças e de morte, sujeito a transgressões (eu não tenho dúvida disso), lutando sempre contra minha tendência à iniquidade. Em Jesus, eu recebi o poder justificador que já me absolveu dos meus pecados e que me fortalece para enfrentar as minhas inclinações naturais; recebi, igualmente, a graça que cura, **quando curar é o que o Deus de graça acha que deve realizar em mim**. Isto porque, às vezes, a fim de curar meu caráter, Deus tem que me deixar enfermar no corpo, mesmo que eu esteja orando para ser curado. Se de um lado a Palavra de Deus manda orar com fé, de outro ela diz que eu nem sempre sei orar como convém (Rm. 8:26). Concluo que nem sempre quando peço com fé para ser curado estou pedindo o que convém a mim mesmo.

Há também ocasiões em que, para que meu espírito aprenda a humildade, a paciência e o quebrantamento, eu tenho que sentir dor,

muita dor. Enfim, não há nenhuma regra sobre cura física, porque muitas vezes esta cura pode significar a perpetuação de uma doença mais profunda na alma, no caráter. Nesse caso, o Deus que cura (e que entende que almas são mais importantes que corpos devido a sua perpetuação eterna), pode não curar um corpo para poder curar uma alma. O texto para tais pessoas é o salmo 41:3: *“O Senhor assiste no leito da enfermidade...”*.

Outro texto que nos conduz à conclusão semelhante é o salmo 103:3, *“Ele é o que sara todas as tuas enfermidades”*, pois para sarar algumas enfermidades, neste mundo ambíguo e marcado pelas contradições impostas pelo pecado, Ele tem que deixar você experimentar certas dores e, muitas vezes, doenças. Afinal, as dimensões da vida raramente estão em plena harmonia neste mundo caracterizado por essa nossa natureza caída onde **corpo, alma e espírito não estão alinhados harmonicamente em nenhum de nós, desde a queda**. É por isto que muitas vezes, a fim de que uma destas dimensões seja curada, a outra dimensão tem que padecer, sendo mesmo possível que uma mente conflituada, em se acalmando, possa fazer muito bem ao corpo, realizando, eventualmente, até a sua cura. No entanto, o mesmo não pode dizer do inverso, pois um corpo curado não desencadeia, necessariamente, processos automáticos de cura da alma e do caráter.

A pergunta de muitas pode ser: **Se Isaías 53 tem que ser visto, basicamente, naquelas duas perspectivas expostas acima, como foi então que Mateus interpretou a passagem aplicando-a às curas que Jesus realizava?** (Mt. 8:17)

Em minha opinião, em Mateus 8:17, temos uma aplicação secundária do texto de Isaías 53. Nesse texto, Mateus não estava fazendo alusão a Jesus, nem como o Salvador (Is. 53:12). Ele estava pensando no aspecto prático e histórico relacionado ao fato de que Jesus era também o que curava. Mateus, aqui, não estava fazendo uma teologia a respeito do poder que a Cruz tem de cancelar as nossas dores e enfermidades. Até porque, ele não estava falando da Cruz, mas simplesmente descrevendo o poder “curador” de Jesus. Ele está apenas dizendo que Jesus encarnou historicamente o fato de que as enfermidades Lhe estavam sujeitas. Em Isaías 53, temos uma teologia da Cruz; já em Mateus 8:17, temos uma aplicação de Isaías a uma contingência histórica. Por isso, à luz de Mateus 8:17, fico sabendo que Jesus cura, e cura mesmo. Mas à luz de Isaías 53, não se pode dizer que o Cristo que cura, cura sempre. O que se pode dizer é que o Cristo que cura, salva sempre aqueles que se achegam

a Ele, tendo-O como o grande Sumo sacerdote que intercede pelos pecadores.

Fábrica de Hipocrisias

Outra razão pela qual não me sinto confortável com a teologia do “não-adoecimento” do crente é porque, além de não ter base bíblica, essa doutrina é também uma fábrica de hipócritas. Pessoalmente, já conheço adeptos desse pensamento há, pelo menos, 20 anos. Ela é nova no Brasil, como moda teológica, porém, nos Estados Unidos já vem sendo pregada há muito tempo. Ora, nesses 20 anos já vi crentes dessa “teologia” adoecerem e esconderem sua doença, a fim de não escandalizar os seus discípulos. E o que é isto, senão a mais terrível hipocrisia. É perigosíssima a hipocrisia de fazer o povo de Deus crer em algo em que Ele não mandou crer. Isto é pior que adular e negar o pecado, afinal, os prejudicados são muitos outros, e não apenas o infrator.

Fiquei sabendo da história de uma pessoa que prega essa doutrina do “não-adoecimento” dos crentes cheios de fé. Essa pessoa adoeceu e teve que ser levada escondida ao hospital, de modo que suas ovelhas não ficassem desiludidas com a doutrina.

Só Deus sabe quanta hipocrisia há por trás dessas práticas tiranas da saúde sobrenatural.

Às vezes, com base em uma experiência real de cura, é criada uma teologia que generaliza um fato isolado, transformando-o em regra de fé e prática. Quando não se pode sustentar a concretização dessa doutrina nas vidas de todos os seus adeptos — sim, porque ninguém controla a vontade e os desígnios de Deus —, os seus promotores, não raramente, desenvolvem uma fé cega a qual os impede de avaliar os fatos com a isenção de paixão necessária a sua boa percepção, continuando, assim, a afirmar experiências isoladas, como se fossem a regra geral para todos.

Nesse caminho, alguns realmente crêem no que pregam e sofrem as conseqüências de sua crença em total abstinência de remédio ou de tratamento médico, até mesmo quando estes se fazem necessários. Enquanto isso, outros assumem apenas a fachada dessa doutrina, mas na vida mais íntima tomam para si cuidados que negam aos seus fiéis.

Uma Legião de Angustiados e Frustrados

Entretanto, os prejuízos que advêm dessa doutrina não são apenas os dois que acabo de mencionar. Ela também gera uma legião de angustiados e de seres que introjetam um tremendo sentimento de rejeição da parte de Deus para com eles. E a razão é simples: como tal doutrina não tem base bíblica, sua única base é a experiência de algumas pessoas, mais o reforço de alguns versos bíblicos destacados de seu contexto mais amplo. E neste aspecto, deve-se dizer que as bases experienciais sobre as quais essa doutrina é erigida são, fundamentalmente, *curas maravilhosas e saúde extraordinária. Pessoalmente, creio em ambas.* Vejo com freqüência curas sobrenaturais acontecerem em muitas pessoas. No entanto, acerca disto, eu creio como Jesus, quando disse que as curas milagrosas não eram a regra, eram os “sinais” (Lc. 4:25-27; Jo. 5:3-5;9:1-3). “Sinais” são marcos de presença, não acontecimentos comuns e corriqueiros.

Creio em saúde e longevidade, mas creio também que saúde tem muito a ver com alimentação adequada, exercício físico, estilo de vida, hereditariedade genética, geografia, clima e muitos outros fatores. As pessoas fisicamente mais saudáveis do planeta não são os crentes, são alguns agnósticos ou alienados obcecados com saúde e alimentação, tipo Jane Fonda.

Meu bisavô paterno não era evangélico, vivia no interior do Amazonas, casou após os 60 anos, aos 80 carregava 120 quilos nas costas e aos 104, com todos os dentes na boca, morreu sem conhecer gripe, dor de cabeça, doença ou cansaço. Morreu porque achou que já havia vivido muito. Recolheu-se a sua rede e ficou quieto, curtindo um frio repentino que caíra sobre o interior do Amazonas, até que “passou” ali mesmo. Se meu bisavô fosse evangélico, e adepto da teologia da prosperidade, ele certamente estaria sendo usado como exemplo de que quem realmente é fiel a Jesus não adocece. Ele, todavia, nem crente era.

Muitas vezes, pessoas que, por razões as mais variadas, não gozam de condições físicas privilegiadas e que passam a crer em tal doutrina, sentem-se os mais desprezíveis seres do planeta, quando o que lhes está sendo prometido não se cumpre em suas vidas. Afinal, elas se perguntam: O que será que há de errado em mim? Será que não tenho fé suficiente? Será que há pecado na minha vida? Ou pior ainda: Será que Deus não quer nada comigo? Se aconteceu com “seu Fulano”, por que não está acontecendo em minha? São poucos os que raciocinam que, possivelmente, a doutrina esteja errada, e o “professor” totalmente

equivocado. A maioria leva a alma cheia de culpa para a solidão de seus quartos.

Só Deus sabe a quantidade enorme de angustiadas dessa doutrina que andam desoladas pelo país, vendo-se como as criaturas mais abomináveis e desprezíveis da terra. Afinal, o que se diz que *funciona sempre com quem tem fé*, não funcionou com elas.

Nega a Humanidade de Cada Um de Nós

Outra importante razão pela qual me sinto tão desconfortável com essa doutrina do “não-adoecimento”, é porque ela nega a humanidade de cada um de nós. Cada vez mais, vejo os pregadores dessa doutrina chegando perto da criação do mito do Super-homem. Por enquanto, só não voam nem permanecem embaixo d’água por tempo ilimitado. No mais, estão buscando alcançar os mesmos superpoderes, entre os quais, sua *visão de raio X, seu sopro, sua saúde de ferro e sua invulnerabilidade a tudo, exceto à Kryptonita vermelha.*

O irônico é que justamente agora, quando a indústria americana dos cartoons salvou o Super-Homem de sua falta de humanidade, deixando-o morrer, alguns evangélicos estão tentando ressuscitar o seu mito, mediante a criação de uma doutrina de poderes extraterrenos, aliás, bastante parecidos com os do falecido super-herói. **É uma desgraça ter que ser super-homem. Bom mesmo é ser gente, ser homem. Nem Jesus quis ser Super-Homem. Filho do Homem, foi tudo o que ele disse ser.** O apóstolo Paulo, por sua vez, dava a si mesmo o privilégio de confessar-se com a cara ferida (II Co. &), de ficar desesperado de angústia quando a alma se contorcia (II Co. 1:8), de sentir-se impotente diante da enfermidade de um amigo querido que visitava os portões da morte (Fp. 2:25-28), e de pedir que ninguém o visse como super-herói (II Co. 12:6).

É muito perigoso quando pessoas começam a roubar a glória que é Deus. Deus é um Deus ciumento e zeloso. A sua glória Ele não dá a outrem. Cuidado!

Todos nós ainda lembramos dos trágicos episódios envolvendo a vida de nosso irmão na fé, Jimmy Swagart. Ainda hoje sinto a dor de ter sido tão duro em minhas opiniões sobre ele no passado (1985), quando disse em diversas ocasiões que sua superatitudo moral, julgando-se supersanto, haveria de lhe trazer conseqüências amargas. Três anos

depois, seus lençóis morais foram levantados, e a nudez do irmão foi vista pelo mundo. A lição que ele recebeu não foi apenas para ele. Foi sobretudo para nós, para mim e para você. E com ela vem a terrível advertência quanto ao fato de que “*aquele que pensa estar em pé, cuide para que não caia*” (I Co. 10:12).

O Culto ao Poder

O que também me espanta no atual movimento de celebração a superpoderes é o fato de que ele está sendo, quase sempre, celebrado como um fim em si mesmo. Vejo muita gente, simplesmente vibrando com visões espirituais de raios X que indicam as *enfermidades interiores* das pessoas, saltando de entusiasmo com os sopros que derrubam e fazem desmaiar, e vangloriando-se do fato de que, como “filhos do Rei”, não ficam doentes, sem, no entanto, mostrarem qualquer entusiasmo por realidades essenciais da fé, como a salvação que vem da Cruz, a vida de piedade, a devoção pessoal, a misericórdia para com o próximo pobre, o estudo sério da Palavra de Deus, a vida solitária e discreta de oração, e a vivência da ética da fé na vida profissional.

Tais pessoas, se ouvem uma pregação séria sobre estes temas, muitas vezes, mostram-se visivelmente sonolentas e desinteressadas. Apavora-me ver que, em muitas reuniões onde tais superpoderes manifestam-se *obrigatoriamente*, quase não se prega sobre a Cruz, a salvação, o arrependimento, o novo nascimento e a vida santa. Prega-se sobre como trocar o seu Fusquinha por um Ômega. Ensina-se que ser pobre é dar mau testemunho da fé. Diz-se que Deus não faz nada, a menos que você o force a fazer mediante a oração. Usam termos de soberania humana sobre Deus, do tipo: “Eu determino”; “Eu libero”; “Eu ordeno”. Só que, eu desafio você a encontrar na Bíblia essas expressões ditas através das bocas dos santos do Velho ou do Novo Testamento. Vasculhe a Palavra de Deus e você não achará, jamais, esse tipo de atitude de soberania humana em relação ao Criador. Hoje, em nosso meio, há muita gente dando ordens a Deus e determinando Sua agenda e as dos anjos. Para tais pessoas, a petição quebrantada ensinada pelos salmos é considerada fraqueza espiritual e sinal de infantilidade na fé.

Minhas angústias aumentam ainda mais, quando vejo pessoas dizendo:

—“*Oba! Vou lá na reunião do grupo X para dar uma caidinha*”.

Quando isto acontece, é porque os superpoderes já tomaram o lugar de Deus e de sua palavra, e as pessoas estão manifestando uma fé que tem muito mais a ver com a fé de Simão, o mágico de Samaria, o qual “se converteu” não a Jesus, mas ao superpoder que ele vira em operação (At. 8:9-20). De acordo com o livro de Atos, essa fé atrai muita gente, mas não dá a elas nada essencial sobre o verdadeiro conhecimento de Deus.

Tenho visto pessoas genuinamente “caírem no Espírito”. Em várias ocasiões, enquanto eu mesmo prego ou oro, tenho visto tais fenômenos manifestarem-se. Assim afirmando, eu estou lhe dizendo que minha posição não é de negação acerca da possibilidade de que tais poderes se manifestem. Longe de mim tal coisa. O que me preocupa é a sua prática rotineira, a fabricação deles, o show com o qual eles são demonstrados, a supremacia deles sobre a Palavra, o valor que se dá a tais coisas; enquanto a Cruz fica no canto, apagada, escondida, e Jesus sendo aclamado apenas como Grande Poder e não como o Senhor, como Verdade para ser crida, Caminho para ser seguido de acordo com a Palavra, e Vida para ser vivida em abundância-humana, não super-humana.

Superpoderes ou Simples Humanidade?

Fica, portanto, a pretexto da minha enfermidade de cinco dias, uma palavra de coração aberto dirigida aos *superirmãos-poderosos*, aos *superirmãos – frustrados*, aos *superirmãos-ofendidos*, aos *superirmãos-doentes* e a todos os que querem ainda se converter ao hino-clamor de Paulo:

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a

morte, e morte de Cruz. Pelo que Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai”.

(Fp. 2:5-11).

Os que são capazes de escolher o modelo de *esvaziamento pessoal* ensinado por Jesus, são também os mesmos que dizem com Paulo:

“Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte”. (II Co. 12:10).

E a razão para assim pensar e agir, é-nos dada pelo próprio Senhor Jesus quando diz a Paulo:

“A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”.
(II Co. 9).

Ora, Deus determinou que assim seja, a fim de que *“Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”* (II Co. 10:17). *“Por isso não desanimamos: pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa (não se fala de corrupção moral, mas física), contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia”* (II Co. 4:16).

A Bênção da Oração não Respondida

Você se lembra que no início deste livro, contei que quase morri de angústia, porque cri que seria curado e não fui? Pois bem, veja a ironia do episódio: enquanto eu estava, na minha cama, num quatinho da Rua Urucará com a Rua Tefé, no Bairro da Cachoeirinha, em Manaus, cheio de aflições, tomado por conflitos, desapontadíssimo com Deus, à beira da

descrença, surgiu uma pessoa na minha vida. Era o meu médico, Dr. Antônio Nogueira de Farias. Ele me deu toda atenção possível. Um dia, no entanto, ele não apareceu. Fiquei preocupado com o que poderia ter acontecido. Três dias passaram. Uma semana. E, então, sua esposa apareceu lá por casa.

Joedisa chegou a pretexto de visitar-me. Depois de alguns minutos de conversa, ela me disse que ela e Antônio estavam em situação conjugal muito difícil, prestes à separação, e que ambos estavam envolvidos com espiritismo Kardecista. No fim de tudo, ela me contou que Antônio estava muito doente em casa. Orei com ela, e ela se foi.

Alguns dias depois ela me visitou outra vez e agora me pedia para ir visitar o marido. Embora eu também estivesse sob sério repouso, disse-lhe que no domingo seguinte eu pediria ao meu pai que me levasse lá. Antes do domingo chegar, fomos a sua casa. Conversamos e vi a situação deplorável na qual Antônio estava. Como médico, ele nos explicou que sua situação era de um quadro vertiginoso de mono-nucleose, uma doença pré-leucêmica, assim chamada por poder, em certos casos, evoluir para leucemia.

No sábado, soubemos que os médicos amigos de Antônio lhe tinham trazido más notícias acerca de seu estado de saúde. A informação era de que o quadro se tornara, de fato, leucêmico. Joedisa estava em pânico. Papai e eu decidimos que no domingo iríamos lá para orar com ele.

No domingo, à tardinha, nós fomos. Ao chegarmos, encontramos uns amigos da família fazendo uma visitinha. Aguardamos uma hora na esperança de que pudéssemos orar a sós com Antônio e Joedisa. Mas os amigos não saíam. Cansados da espera resolvemos orar independentemente do público ser adequado ou não. Perguntamos ao Antônio se lê cria que Jesus podia curá-lo.

—*Sim, eu creio.*

—*Você gostaria que nós o unguíssemos com óleo em nome do Senhor, como ordena a Bíblia?*

—*Sim, eu quero.*

Papai pegou o vidrinho com óleo que sempre carregava e nós unguimos o Antônio.

—*Senhor Jesus, tu tens todo poder no céu e na terra. Tu criaste o corpo do Antônio. Tu*

podes curá-lo. Não estamos te dizendo o que fazer, porque tu és Deus. Tu sabes o que fazer e quando. Mas nós estamos aqui Jesus, para dizer que cremos no teu poder de curar. Assim, Senhor, te pedimos: cura o Antônio agora, para louvor da tua glória.

Oramos e saímos.

Antônio nos contou, no dia seguinte, que nada aconteceu até ele ouvir que demos partida no carro. Quando ele ouviu aquele “rum, rum, rum” do motor do carro, olhou para o teto da casa e teve a impressão de que haviam aberto o telhado e derramavam um caldeirão de amor liquefeito sobre ele.

—Aí, meu fígado, que estava enorme, cavalgou aos saltos para debaixo da costela, onde era seu lugar. O baço veio aos pinotes de volta ao lugar de origem, desinchando imediatamente. Senti o sangue ferver e correr aceleradamente pelo meu corpo. Uma energia extraordinária me envolveu. Saltei e comecei a gritar: Jesus me curou, Jesus me curou.

A essa altura seus amigos, que ainda estavam lá, ficaram embasbacados, sem entender nada. Ele correu, saltou o muro na frente da sua casa e gritou: Eu estou curado!

No dia seguinte foi trabalhar. Quando os amigos o viram entrando no hospital, correram para segurá-lo.

*—Quié isso cara, ce ta doido?
Vai pra casa. Ce vai morre aqui.*

Antônio então contou o que lhe havia acontecido e pediu para fazer todos os exames. O resultado foi alarmante para os médicos. Tudo normal. Eles não podiam acreditar. O quadro leucêmico se revertera instantaneamente. Jesus operara. Aleluia!

Em meio a tantos outros episódios resolvi lhe contar este, apenas para ilustrar que o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza.

É, lá estava eu, humilhado, porque não fora curado; confuso, porque não pudera entender o “porquê”, no entanto, foi nesse estado de fraqueza e humilhação que Deus resolveu me usar, juntamente com meu pai, para curar o Antônio.

Dá para entender? Deus estava pondo um espinho na minha carne para que eu pudesse entender o sofrimento do meu próximo, e para que eu pudesse me gloriar sempre no Senhor e na Sua graça, nunca em mim e na minha fé.

Você pode imaginar o que teria acontecido comigo, caso eu tivesse sido curado naquele dia, conforme minha fé e minha oração? Provavelmente eu teria me tornado um déspota, impondo cura divina a todos, acusando os não-curados de falta de fé e pecado e, com certeza, você não estaria recebendo o benefício deste livreto, que, se de um lado afirma que Jesus cura, de outro testemunha que Ele não tem que curar sempre a fim de provar seu poder para tal. Sem aquela experiência, possivelmente, eu não seria quem eu sou hoje.

Ah! Meu Deus, como eu Te dou graças por não ter sido curado naquele dia!

Perdendo a Visão a fim de Poder Ouvir Melhor

Minha esposa leu este meu pequeno trabalho, e achou que eu não deveria entregá-lo sem lhe contar uma história recente acontecida na vida de meu pai.

Como muita gente no meio evangélico sabe, meu pai, além de advogado, fora um empresário bem sucedido que veio a converter-se ao evangelho no ano de 1967.

Sua conversão foi tão profunda e apaixonante que ele, simplesmente, não conseguiu mais viver para os seus próprios negócios e carreira. Deixou tudo, e foi pregar o evangelho.

Naqueles primeiros meses de fé em Jesus, entregou-se à profunda oração e jejum, na busca do discernimento de qual seria o chamado de Deus para sua vida. Em uma daquelas ocasiões de profunda solidão, ele foi tomado, durante o sono, pelo Espírito Santo.

—Caio! Caio! Eis que te dou dois dons. Tu curarás enfermos e libertarás os oprimidos pelo diabo, dizia-lhe uma voz divina.

Papai disse que sentou na cama, absolutamente invadido por aquela presença majestosa. Seu ser foi atravessado pelo prazer mais indescritível, perpassando seus músculos, pele, pêlos, emoções e o âmago do seu próprio eu.

Ele “saiu” daquela dimensão com o sentimento e a certeza de que o próprio Senhor Jesus fala com ele.

O impacto daquele acontecimento só pode ser devidamente compreendido por aqueles que já passaram por algo semelhante, na solidão de um quarto, sem profetas, sem intermediários, sem ajuda humana, sem as boas intenções de gente espiritual, mas que, muitas vezes, acaba “filtrando” ou “aguando” a verdadeira Palavra de Deus que está sendo dirigida a alguém.

Não! Com ele não fora assim! Ele estivera só com seu Criador, e se deleitara em se saber amado e desejado por Ele no mundo, com uma missão incomparável.

A força daquele dia move a vida de meu pai até hoje, e vai energizá-lo até o último dia de sua existência.

Logo após aquele dia, os sinais de que dons estavam habitando sua vida começaram a se manifestar. Aonde quer que ele fosse, surgiam oportunidades de exercitá-los.

Lembro-me de que, meses após aquela experiência, aconteceram duas situações muito interessantes. A primeira foi um acaso de possessão no qual o espírito imundo resistia, já por muitas horas, em deixar o possesso. Meu pai não estava no lugar onde se travava o confronto, mas no jardim do local, orando. Depois de algum tempo, a pessoa que liderava o enfrentamento espiritual soube que meu pai estava lá fora e mandou chamá-lo.

—Dotô Caio, dá uma ajudinha aqui que eu to que num agüento mais, disse o irmão quando meu pai entrou na sala.

A mera presença de meu pai na sala agitou o espírito sobremaneira. Papai simplesmente lhe disse que se retirasse, em nome de Jesus. O espírito saiu imediatamente.

Daquele dia em diante, cenas assim viraram rotina em sua vida. Pouco depois daquele episódio, uma outra situação viria confirmar a presença do segundo dom.

Meu pai ainda advogava na cidade de Niterói, quando isso aconteceu. Ele tinha um cliente, Sr. Barros, que lhe devia alguns

honorários advocatícios. Ele tentara cobrar, mas o cliente mostrava-se tardio no pagamento. Depois de muito telefonar, meu pai resolveu ir, pessoalmente, falar com “seu” Barros.

Chegando a sua loja, meu pai verificou um grande alvoroço.

—Uma tragédia, Dotô, uma tragédia, gritou “seu” Barros, tão logo o viu.

Papai demorou alguns minutos até compreender que algo acontecera ao filho do comerciante.

—O que houve, “seu” Barros?, indagou meu pai.

—Uma espingarda de ar comprimido, Dotô. Meu garoto tava brincando cum amigo, e o treco disparou e furou o olho dele. Hoje à tarde, os médicos vão arrancar o olho do meu filho. Uma tragédia, Dotô!

Meu pai parou em silêncio, por um momento, orou baixinho, e decidiu pedir àquele pai aflito que lhe permitisse orar pelo menino.

—O sinhô tá querendo ir lá no hospitá agora?, perguntou “seu” Barros.

—Não! Eu creio em um Deus que opera de perto e opera de longe. Nós podemos orar juntos, aqui mesmo, e Ele agir na vida de seu filho lá no hospital agora, respondeu papai.

Os dois homens se ajoelharam ali na sala mais íntima da loja, e meu pai orou:

—Senhor Jesus, eu não tenho qualquer dúvida sobre Teu poder para curar o olho daquele menino. Eu sei que podes. Quem fez o olho também pode curá-lo. Senhor, na minha ignorância, entretanto, eu não sei se queres curar o olho do filho do “seu” Barros. Tu tens caminhos estranhos, impossíveis de entender. Todavia, Senhor, eu estou aqui, com este pai aflito, de joelhos, para te dizer que, se tu estás procurando um homem que creia de todo coração que tu podes dar um olho novo àquela criança, então, Senhor, podes dar, porque eu estou aqui. Eu creio e não duvido. Tu podes, Dá, Senhor, um olho novo ao menino.

Meu pai orou e saiu.

“Seu” Barros não era evangélico. Contudo, em seu desespero creu e partiu para o hospital, onde o olho de seu filho seria extirpado.

Ao chegar ao hospital, “seu” Barros encontrou o cirurgião no corredor, a caminho da sala de operações.

—Agüenta firme, pai. Ele não vai sofrer nada. Vai ser duro no começo, mas ele vai se acostumar, disse o médico na sua pressa de entrar na sala.

“Seu” Barros ficou ali, com o eco da oração de meu pai ainda reverberando em sua cabeça.

Minutos depois, o médico sai correndo da sala de cirurgia, branco, como se tivesse visto um fantasma.

—Escuta aqui, moço. Eu não sei quem é o seu Deus, mas Ele deve ser Todo-poderoso. Eu tirei o tampão que cobria o olho do seu filho pra começar o trabalho. E sabe o que aconteceu? O olho do seu filho está completamente bom. Que Deus é esse?

Histórias como esta começaram a tornar-se normais na vida e no ministério de meu pai. Ele, no entanto, as vivia com a mais absoluta discrição.

Vi Deus usá-lo para a cura de dezenas de males, como câncer genital, males da próstata, doenças no sangue, doenças de pele, doenças pulmonares, e coisas menores como aquelas que aconteciam lá em casa, com os membros da família.

Durante os anos que se sucederam, Deus não só o usou para curar outros, mas também fez uso dele para curar a si mesmo.

Lembro-me de ocasiões, as mais variadas, quando meu pai simplesmente disse:

—Esta enfermidade que me atingiu vai sair. Eu sinto Jesus quer me curar sem remédio.

E ele agüentava sozinho a situação com oração até que, subitamente, sarava.

No entanto, ele nunca pensou que todas as enfermidades tivessem que ser curadas sem auxílio médico. Ao contrário, ele achava que os médicos eram parte da dádiva “curadora” de Deus aos homens.

Depois de anos, vendo aquelas coisas maravilhosas acontecerem, tive que me acostumar a um outro cenário. Tive que aceitar que meu pai havia perdido a visão quase que por completo.

Em 1988, meu pai teve um pico de pressão e sofreu um derrame em um dos olhos. Daquele acidente vascular, restaram-lhe apenas 20 a 25 por cento da visão daquele olho.

Em julho de 1992, ele foi submetido a sofrimentos emocionais fortíssimos. Em uma daquelas noites, ele foi acordado com um susto terrível. Ao pular da cama, percebeu que tudo ficara escuro. Agora a retina do olho sadio se deslocara radicalmente.

Ele e minha mãe vieram para minha casa em Niterói. Oramos muito e amigos queridos se uniram a nós em oração. A cura não veio.

Talvez Deus estivesse querendo curá-lo de uma outra maneira. Iniciamos uma peregrinação pelas melhores clínicas e médicos do Rio de Janeiro. A operação era a única coisa a ser feita. Duas cirurgias foram realizadas sem sucesso.

Meu pai perdera completamente a visão daquele olho. Ele, porém, voltou para Manaus, ainda com esperança. Talvez em seis meses ele pudesse fazer uma terceira cirurgia.

A operação foi feita em Manaus mesmo. Sem sucesso.

Meus pais voltaram ao Rio para a última tentativa, pois uma possível quarta operação era cogitada. Depois de andarmos por vários médicos, ouvindo diferentes opiniões, chegamos ao consenso de que aquela quarta cirurgia seria muito arriscada. Ele poderia ter aquele olho extraído.

Lá estávamos nós, de volta ao começo de tudo. O homem que iniciara seu ministério sendo usado por Deus na cura de um garoto cujo olho seria extirpado, necessitava, ele mesmo, de visão, debaixo de ameaça semelhante.

Outra santa e preciosa ironia dos caminhos de Deus!

Durante os seis meses de espera, em Manaus, meu pai sofrera de algo, até então, absolutamente alienígena para ele: depressão.

Em casa, nós até brincávamos com isso. Meu pai parecia indeprimível. Ele passava por tudo com extrema galhardia. Perdas, incompreensões, insucessos, ou qualquer outra coisa, eram por ele sempre vistos de maneira positiva e esperançosa. No entanto, agora, aproximando-se dos 70 anos e apenas com 20 por cento da visão em um dos olhos, ele parecia realmente muito deprimido.

Logo verificamos que a depressão não vinha da limitação física em si, mas daquilo do que ela lhe privava, ministerialmente falando.

E as viagens pelo interior do Amazonas? E a liberdade para dirigir seu próprio carro, visitando igrejas da periferia e congregações em formação? E como faria para inspecionar juntamente com seu querido amigo Sílvio Lucena, as obras do acampamento da igreja? E a leitura da Bíblia, como seria? Enfim, havia estas e um sem número de outras limitações e questões depressivas amassando sua alma.

Quando voltamos do último médico, já era noite. Meu pai não comia quase nada havia 3 meses. Estava à base de sopas, e alguns sucos desciam à força e até Coca Cola, que é uma das suas fraquezas humanas, ele parara de aceitar quando lhe ofereciam.

Pois bem, chegamos do médico e fomos nos assentar no gramado, nos fundos de minha casa. Ficamos ali em silêncio por alguns minutos.

Até que meu pai me perguntou:

— Caiôzinho, se você estivesse em meu lugar, o que você faria? Você tentaria mais uma cirurgia?

Caiôzinho é o diminutivo carinhoso com o qual meu pai me trata desde a infância, e durante toda minha vida eu só ouvi a voz dele carregar meu nome daquela forma.

Estranhamente, ao ouvir a voz de papai tão cheia de cansaço, chamando-me de Caiôzinho e fazendo-me aquela pergunta, de alguma maneira fui transportado para Manaus, nos anos mais idos possíveis de minhas melhores memórias infantis.

Só que agora ele não dizia:

—Caiôzinho, vamos ver quem corre mais, se você ou o Roberval.

Ou ainda:

—Caiôzinho, vamos dar um pulinho comigo lá na casa da vovó?

Não. Ele estava me perguntando se devia tentar não ficar totalmente cego ou se aceitar quase completa cegueira com quietude de alma.

Eu pausei por algum tempo, orei baixinho e disse:

—Papai, eu realmente não sei. Eu não me sinto autorizado a tentar dizer ao senhor o que fazer. Meu temor é que esta seja uma hora de profunda solidão e que o senhor vá ter que se haver com ela absolutamente só em sua decisão.

Ele ouviu em silêncio. Pensou um pouco, e me devolveu seus sentimentos:

— É, filho, eu sei que a decisão é minha, e sei que você deve estar temendo me dizer algo que possa me fazer assumir alguma posição que não seja exatamente aquela que eu tenha dentro de mim. Mas não se preocupe com isto. Eu quero mesmo é ouvir o que você pensa. Você é meu melhor amigo e sua palavra me é mais que importante.

— Bem, papai, se o senhor promete ouvir o que eu disser, sem se sentir obrigado a acatar o que eu digo apenas para me agradar, então eu vou dizer o que eu acho que faria se estivesse nos seus sapatos. Eu agradeceria a Deus pelos quase 70 anos de boa visão que tive, e lhe dedicaria a minha limitação visual com a mesma paixão com a qual eu me dedicara com visão.

Penso que consagraria esta limitação ao desenvolvimento de outras áreas da minha vida que jamais cresceriam, a menos que, alguma outra se atrofiasse. Por exemplo, eu acho que me consagraria a ser o melhor

ouvido da cidade, o mais atencioso de todos os conselheiros, o mais disponível de todos os pastores, o mais sábio e prudente pastor de pastores. Ou seja, paizinho, se eu fosse o senhor, eu não me operaria. Eu simplesmente agradeceria a Deus por ter usado, tantas vezes para curar a outros, um homem que não tem poder para curar a si mesmo, e superaria a limitação atual através de uma nova maneira de contribuir para o Reino de Deus.

Meu pai me ouviu em silêncio, mas com a atitude de quem ouvia a mesma voz que um dia lhe dissera que ele seria usado para expulsar demônios e curar enfermos. Não houve emoção, mas houve decisão no seu ouvir.

Após pensar um pouco, ele interrompeu o silêncio e disse:

— Caiôzinho, manda comprar uma “cokinha” pra mim. Já faz um tempão que eu não bebo uma.

E acrescentou:

— Será que dá pra gente fazer um churrasquinho ainda hoje à noite?

Pulei da cadeira e disse:

— É pra já, papai.

Quando minha mãe ouviu aquilo, disse:

— Agora, sim, meu velho ta curado!

Os pastores que auxiliam meu pai lá em Manaus, disseram-me que ele voltou cheio de planos:

— Gente, vamos trabalhar, que o Reino de Deus não pode esperar. Em vez de quatro barcos, vamos construir 20 e soltá-los pelos rios da Amazônia. Vamos também encher o interior de novas igrejas. Vamos terminar a clínica, e partir para coisas maiores. Há muita gente para ser ganha neste estado.

Alguém me perguntou:

— Pastor Caio, o que foi que o senhor fez com seu pai, lá em Niterói?

— Foi só uma “cokinha” e um churrasco, minha irmã, respondi com alegria.

Esta história de meu pai serve para ilustrar conclusões plenamente coerentes com as verdades bíblicas:

1. Deus não tem obrigação de curar sempre apenas porque eu, que sou Seu filho, acho que ficar curado é a única e melhor coisa que pode me acontecer.

2. Doenças não têm que ser sempre vistas como obra direta do diabo atingindo alguém. Às vezes, elas são. Mas nem sempre. Por isso, é necessário muito discernimento.

3. Pessoas usadas por Deus, muitas vezes, sofrem limitações físicas para que, ou elas mesmas, ou outras que a elas admiram, aprendam que o poder que cura vem sempre de Deus e não do homem.

4. Certas limitações físicas ou enfermidades podem chegar, não para diminuir a vida, mas para desenvolvê-la em outras áreas então inibidas e que, de outra sorte, jamais seriam dilatadas sem tal estímulo advindo da nova limitação.

Neste livreto minha oração é no sentido de que você tenha base bíblica suficiente, tanto para crer em um Deus que cura, quanto para continuar amando a Deus, mesmo quando Ele, por razões que são só dEle, resolver não curar você.

Tudo o que me interessa é viver de modo abundante o privilégio de ser gente, de ser cheio do Espírito Santo e de ser tomado pela alegria de me bastar na graça de Jesus.

Que voltemos à sensatez e, assim, sejamos salvos da mentira de querer ser o que Deus não nos fez para ser, e de querer entender quais são os Seus mistérios em nossas próprias vidas e na do próximo.

Quanto ao mais, eu me contento em exclamar com Paulo a mais sábia de todas as exclamações de ignorância devotadamente apaixonada por Deus e seus Caminhos:

“Oh, profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem pois conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele e por meio dele são todas as cousas. A ele pois, a glória eternamente. Amém!”

TÁ DOENDO!

Este livro aborda um tema polêmico em nossos dias: A Questão do Não-Adoecimento dos Cristãos.

- Pode um cristão adoecer?
- A sua fé não o livra de qualquer problema?
- O cristão realmente é invulnerável diante dos fatos?
- Deus atende os nossos pedidos por compaixão ou porque reconhece a força e a soberania de nossas palavras?
- Somos simples seres humanos ou Super-Homens?

Confira um pouco mais sobre este assunto que vem tendo imenso destaque em nosso meio, criando teorias, formando opiniões as mais absurdas possíveis e confundindo de uma maneira geral o povo evangélico. Liberte-se deste “sentimento de culpa” por ficar doente ou passar por tribulações.

Não perca este privilégio de simplesmente poder dizer: **Tá doendo!**